

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

## **Design, Cosmopolítica e Economia Solidária:**

*Mediações contra-hegemônicas nos processos de criação*

Palavras-chave: Design social, Economia Solidária, Cosmopolítica, Inscrição territorial, Mediação.

**Alexandre de Pauli Bandeira;** Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL); Pelotas, RS, Brasil; [alexandrebandeira@ifsul.edu.br](mailto:alexandrebandeira@ifsul.edu.br)

**Eduarda Coelho Borges;** Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL); Pelotas, RS, Brasil; [eduardaborg@gmail.com](mailto:eduardaborg@gmail.com)

**Nícolas França de Azambuja;** Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL); Pelotas, RS, Brasil; [nicolasfazambuja@gmail.com](mailto:nicolasfazambuja@gmail.com)

**Silvie Janis Mossate Jobim;** Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL); Pelotas, RS, Brasil; [silviejobim@ifsul.edu.br](mailto:silviejobim@ifsul.edu.br)

**Vívian Michele Bandeira da Silva;** Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSUL); Pelotas, RS, Brasil; [viviansilva@ifsul.edu.br](mailto:viviansilva@ifsul.edu.br)

## **1. Introdução**

Este trabalho parte da interseção entre Design, Economia Solidária (EcoSol) e o conceito de cosmopolítica de Stengers (2018), propondo uma reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Design e Economia Solidária”, vinculado ao NESol – Núcleo de Economia Solidária do Instituto Federal Sul-rio-grandense – IFSul, Câmpus Pelotas. Inserido no eixo temático “Mediações, Saberes, Ecologias e Práticas” do V Colóquio de Pesquisa em Design e Artes, este estudo investiga o papel do design como prática de mediação em contextos sociais marcados por desigualdade, invisibilização de saberes e vulnerabilidade socioeconômica, destacando

sua potência política e estética ao se articular com princípios de autogestão, justiça ambiental, inscrição territorial e diversidade ontológica.

## **2. Fundamentação Teórica**

A noção de cosmopolítica, desenvolvida por Isabelle Stengers, parte do reconhecimento de que não existe um único mundo dado e homogêneo, mas sim uma multiplicidade de mundos em disputa, onde diferentes entidades humanas e não humanas coexistem e se afetam mutuamente.

O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final, ecumênica, no sentido de que uma transcendência teria o poder de requerer daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos (Stengers, 2018, p. 447).

Para Stengers, trata-se de um deslocamento epistemológico e ontológico que rompe com a pretensão universalista e neutra do saber científico ocidental, propondo que este seja apenas uma entre muitas formas possíveis de se relacionar com o real. Nesse horizonte, o design deixa de operar apenas como ferramenta funcional ou recurso estético e passa a ser compreendido como dispositivo de mediação entre mundos, saberes e modos de vida distintos, capaz de agir nas zonas de encontro e conflito entre diferentes ontologias.

No campo da Economia Solidária, o trabalho é compreendido como prática coletiva, autogerida e territorialmente situada, que tensiona os paradigmas da economia capitalista ao propor outras formas de produção, circulação e consumo baseadas na cooperação, no comércio justo, no consumo consciente e na sustentabilidade (CATTANI; HESPANHA; GAIGER, 2009). Esses princípios buscam integrar dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais, articulando-as para a promoção da justiça social e da

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

autonomia comunitária. A proposta desenvolvida pelo NESol/IFSUL insere-se nesse escopo, partindo da escuta qualificada das demandas de empreendimentos populares, majoritariamente compostos por mulheres, pessoas negras, comunidades quilombolas, trabalhadores da reciclagem e da agricultura familiar. Tais sujeitos não apenas produzem bens e serviços, mas também mobilizam saberes ancestrais, experiências comunitárias e tecnologias sociais que resistem às lógicas homogeneizadoras do mercado, criando alternativas concretas para modos de vida mais solidários e sustentáveis.

### **3. Metodologia**

O projeto articula um conjunto integrado de ações de assessoria e formação em design, concebidas para promover a qualificação técnica, estética, organizacional e comunicacional de empreendimentos solidários. Essas ações se desenvolvem de forma processual e participativa, abrangendo desde o diagnóstico das necessidades de cada grupo até a implementação das soluções projetadas em colaboração. As atividades incluem o desenvolvimento de identidades visuais, embalagens e rótulos, materiais gráficos e digitais de divulgação, bem como a concepção e execução de projetos de expositores para feiras, redesign de fachadas, layouts de lojas e mobiliários expositores.

A abordagem metodológica parte do reconhecimento e valorização dos saberes prévios dos grupos, incorporando-os como insumo fundamental para as etapas projetuais. Para tanto, utiliza-se uma adaptação da metodologia projetual proposta por Löbach (2001), estruturada em quatro fases, análise do problema, geração de alternativas, avaliação das soluções e implementação, ajustadas à realidade dos empreendimentos econômicos solidários. Essa metodologia é complementada por estratégias de design participativo, que garantem a coautoria dos envolvidos, a escuta ativa e a construção coletiva das soluções.

Ao adotar princípios da tecnociência solidária e da adequação sociotécnica (DAGNINO, 2010), o projeto procura assegurar que as soluções desenvolvidas não apenas respondam a demandas estéticas e funcionais, mas também se articulem com a

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

sustentabilidade ambiental, a viabilidade econômica e a autogestão política, características estruturantes da Economia Solidária. Dessa forma, o processo metodológico se configura como um espaço de mediação cosmopolítica, no qual diferentes saberes, técnicos, empíricos, ancestrais e tecnológicos dialogam para a criação de produtos e estratégias coerentes com os contextos culturais e territoriais em que estão inseridos.

## **4. Resultados e Discussão**

Entre os impactos observados, destacam-se os resultados alcançados através das ações técnicas e estéticas desenvolvidas no campo da criação e produção artesanal, a partir da aplicação de saberes da área do design, a otimização nos processos de comercialização e gestão, aumento de valor agregado através da melhoria na apresentação dos produtos, o fortalecimento da identidade dos empreendimentos com uma representação consistente e reconhecível da marca, contribuindo para estabelecer e destacar o mesmo no mercado, a qualificação dos espaços de comercialização, tornando-os mais atrativos e funcionais e, sobretudo, o aumento da autoestima e da autonomia dos trabalhadores, permitindo tensionar os limites disciplinares do design, deslocando-o de sua função tradicional voltada ao mercado para um campo ampliado de ação política.

Além dos resultados já mencionados, como produto desta ação de extensão, verifica-se um despertar no olhar dos estudantes envolvidos com a responsabilidade social do design e com a observação dos princípios da economia solidária, pois são promotores de impactos positivos nas mais diversas realidades. Isto gera satisfação por contribuírem com seus conhecimentos técnicos, numa vivência de modelo econômico baseado na cooperação, solidariedade e autogestão, sem colocar o lucro no centro das relações econômicas, mas enfatizando valores como justiça social, sustentabilidade e equidade.

O design como mediação cosmopolítica manifesta-se na articulação entre saberes diversos – técnicos, empíricos, ancestrais e territoriais – e na valorização da pluralidade ontológica presente nos modos de vida desses coletivos. A prática do design, nesse

# V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

sentido, não responde à lógica da eficiência, mas opera como inscrição política e poética, sensível às urgências sociais e ecológicas dos territórios.

## 5. Considerações Finais

Em conclusão, ao articular o design com a Economia Solidária e com a filosofia cosmopolítica de Isabelle Stengers, este trabalho propõe uma ampliação do campo projetual para além da técnica e da estética, compreendendo-o como prática situada, coletiva e sensível. Trata-se de fazer do design um campo político, ético e afetivo, comprometido com a transformação das realidades que habitamos e com a construção de futuros possíveis a partir da valorização da diferença, do cuidado e da solidariedade.

## REFERÊNCIAS

CATTANI, Antonio David; HESPANHA, Pedro; GAIGER, Luiz Inácio (org.). Dicionário internacional da outra economia. Coimbra: Livraria Almedina, 2009.

DAGNINO, Renato. Tecnociência solidária: ferramentas para construir outra sociedade. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais, 2010.

LÖBACH, Bernd. Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

MARTINS, Ricardo; MERINO, Eugenia. Gestão do design como estratégia organizacional. Londrina: EDUEL, 2011.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 69, p. 442–464, abr. 2018.